



ENTÃO VOCÊ TEM SEUS PÉS NO VULCÃO

Francisco Mallmann¹

SO YOU HAVE YOUR FEET ON THE VOLCANO

ENTONCES TIENES LOS PIES EN EL VOLCÁN

¹ Artista, professor e pesquisador interdisciplinar. Atua na intersecção entre escrita, performance, artes visuais e teoria. Doutor em Artes da Cena (UFRJ). Professor do Curso de Artes Visuais da PUC-PR. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3609948548526476>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7946-0100>. E-mail: francisco.mallmann@yahoo.com.br.

RESUMO

O artigo analisa a atuação da Comunidade Catrileo+Carrión, coletivo Mapuche não-binário do Chile que mobiliza práticas artísticas e políticas relacionadas à tecelagem, à performance e à ancestralidade dissidente. O objetivo é compreender como o conceito de *epupillan* – ser espiritual livre e não cisheteronormativo – orienta processos de reinscrição histórica e reativação de memórias silenciadas pela colonialidade e pelo regime heteropatriarcal. A pesquisa adota metodologia de escrita performativa, análise crítica de materiais visuais e corporais e procedimentos especulativos que articulam fabulação e evocação de memórias, entendendo a criação como prática situada. Os resultados indicam que a fotografia, o corpo, os arquivos e a terra operam como suportes de disputa narrativa e como tecnologias de cuidado coletivo, possibilitando a afirmação de existências dissidentes. Conclui-se que a escrita, pensada em relação à tecelagem, constitui um gesto de resistência e de criação de mundo, ao propor modos de viver e lembrar baseados em alianças entre humanas e não humanas, temporalidades não lineares e afetos insurgentes.

Palavras-chave: Comunidade Catrileo+Carrión; epupillan; escrita performativa; ancestralidade dissidente; arte e política.

ABSTRACT

This article examines the work of the Comunidad Catrileo+Carrión, a non-binary Mapuche collective from Chile that mobilizes artistic and political practices related to weaving, performance, and dissident ancestry. The aim is to understand how the concept of *epupillan* — a free spiritual being that does not conform to cisheteronormative frameworks — guides processes of historical reinscription and the reactivation of memories silenced by coloniality and the heteropatriarchal regime. The methodology combines performative writing, critical analysis of visual and corporeal materials, and speculative procedures that articulate fabulation and the evocation of memories, understanding creation as a situated practice. The results indicate that photography, the body, archives, and the land operate as narrative dispute devices and as technologies of collective care, enabling the affirmation of dissident existences. The conclusion suggests that writing, thought alongside weaving, constitutes an act of resistance and world-making, proposing ways of living and remembering grounded in alliances between human and non-human beings, non-linear temporalities, and insurgent affects.

Keywords: Comunidad Catrileo+Carrión; epupillan; performative writing; dissident ancestry; art and politics.

RESUMEN

Este artículo analiza la actuación de la Comunidad Catrileo+Carrión, colectivo mapuche no binario de Chile que articula prácticas artísticas y políticas vinculadas al tejido, a la performance y a la ancestralidad disidente. El objetivo es comprender cómo el concepto de *epupillan* — ser espiritual libre y no cisheteronormativo — orienta procesos de reinscripción histórica y reactivación de memorias silenciadas por la colonialidad y el régimen heteropatriarcal. La metodología combina escritura performativa, análisis crítico de materiales visuales y corporales y procedimientos especulativos que articulan fabulación y evocación de memorias, entendiendo la creación como práctica situada. Los resultados señalan que la fotografía, el cuerpo, los archivos y la tierra operan como dispositivos de disputa narrativa y como tecnologías de cuidado colectivo, posibilitando la afirmación de existencias disidentes. Se concluye que la escritura, pensada en relación con el tejido, constituye un gesto de resistencia y creación de mundo, al proponer modos de vivir y recordar basados en alianzas entre seres humanos y no humanos, temporalidades no lineales y afectos insurgentes.

Palabras clave: Comunidad Catrileo+Carrión; epupillan; escritura performativa; ancestralidad disidente; arte y política.

Comunidade Catrileo+Carrión² (Chile) é uma comunidade Mapuche “que trabalha articulando espaços de reciprocidade a partir da prática de criação e investigação, materializada em um trabalho multidisciplinar entre o têxtil e o audiovisual, o editorial, o curatorial e o político-comunitário”³.

A Comunidade busca formas de relacionamento social e de arte que vão além de um regime heteropatriarcal, junto a outras comunidades humanas e não humanas. Formada por Antonio Catrileo Araya, Constanza Catrileo Araya, Malku Catrileo Araya, Alejandra Carrión Lira e Manuel Carrión Lira. Todes se declaram não-binários e o trabalho que desenvolvem tem como um dos pilares a investigação sobre a tradição dos seres *epupilan*⁴ na sociedade Mapuche – pessoas que não se identificam com o comportamento cisheteronormativo, se colocando como seres livres que se recusam a ser violentamente reprimidos pela colonialidade.

A Comunidade Catrileo+Carrión, ao buscar por antepassades não heterossexuais e cisgêneros, se refere à possibilidade de “recuperação da experiência”⁵. A criação de história e memória para existências violentadas se faz em ações e práticas performativas, que produzem vida através dos tempos. Recuperar a experiência, me parece, é produzir, no interior de uma prática performativa, uma genealogia não patriarcal, consanguínea, que faz das ausências e apagamentos força vital.

Na Comunidade Catrileo+Carrión o *witral* mapuche (tecelagem) é prática central e fonte de memória ancestral.

2 Para o desenvolvimento deste texto de apresentação foram utilizados os seguintes materiais: Catrileo + Carrión (disponível em: <https://bit.ly/3DMp0YD>. Acesso em 19 de março de 2025) e Utopias mapuche não binárias para um presente epupillan (disponível em: <https://bit.ly/3DU73Hx>. Acesso em 19 de março de 2025).

3 Texto disponível em: <https://bit.ly/3DMp0YD> (Acesso em 19 de março de 2025).

4 Texto disponível em: <https://bit.ly/3DU73Hx> (Acesso em 19 de março de 2025).

5 Texto disponível em: <https://bit.ly/3DU73Hx> (Acesso em 19 de março de 2025).



FIGURA 1.

Fotografia sem data e sem autoria. Integra o arquivo Centro Cultural y Memoria de Neltume e é utilizada pelo próprio coletivo em materiais de trabalho. Disponível em: <https://bit.ly/3KOnHcO> (Acesso em 19 de março de 2025).

Então você tem seus pés no vulcão. Depois de caminhar longas distâncias na história – séculos, você diz. Muitas horas vagando, buscando por vestígios, você não sabe o quanto. As bibliotecas em que você incansavelmente pesquisou parecem conhecer muito pouco. A vida é uma ameaça quando não se dá em coordenadas binárias⁶ – *qual arquivo guardaria essas existências? Em que páginas você faria memória? Você tem seus pés no vulcão e as palavras na sua cabeça se confundem com “abominação”, “indecência”, “sodomia”⁷, “pecado” – foram esses os sons que, de algum modo, te afastaram e te trouxeram até aqui. Essa é a nossa tarefa, você intui, no interior de uma literatura inexistente, de uma história não escrita. O que há são cartas e crônicas coloniais que se dedicam a descrever extermínio, captura, fogueiras, mortes sem sepultamento. O que há são narrativas de correção e evangelização. Você se implica em *usar as palavras como armas diferentes* – não pode ser que não existam outros termos, não pode ser que sejam esses os únicos documentos, *onde, onde, onde, onde existirá registro? Você quer encontrar nomes, fo-**

6 A binariedade aqui se faz com e para além das noções de gênero, identidades de gênero e sexualidades humanas – trata-se de uma questão que se implica com as instâncias éticas, estéticas, políticas, filosóficas e sociais de uma perspectiva não-binária. Rita Segato escreve: “O normal e suas anomalias – essa é a verdadeira estrutura do binarismo”, revelando o modo como a colonialidade estipula normalidade e o desvio a partir de binarismos. “As mulheres se tornam o outro, o anômalo, o desvio em relação aos homens; as pessoas não brancas se tornam o desvio em relação às brancas; as pessoas LGBTQIA+ se tornam anomalias em relação às heterossexuais; as pessoas com deficiências se tornam o outro em relação às pessoas sem deficiência” (Segato, 2022, p. 85).

7 “Sodomia” é um dos termos coloniais utilizados para nomear dissidências afetivas e sexuais. No contexto brasileiro, por exemplo, o termo “bugre” reunia, pejorativamente, maneiras de nomear indígenas e “sodomitas”. Almicar Torrão Filho, aborda estas relações e nomeações em *Tribades galantes, fanchonos militantes: homossexuais que fizeram história* (2000) e eu me debruço poeticamente nesta questão em uma publicação chamada *língua pele áspera* (2019).

tografias, “qualquer outra pista que permita ativar a imaginação política”⁸. Você anseia por “devolvê-les à terra, realizar cerimônias”⁹ não realizadas. Você quer tocar “marés que vão e vêm”¹⁰, quer encontrar “correntes de dor e esquecimento”¹¹ que carregam consigo “memórias de resistência e solidariedade”¹². Você lembra do que escutou sobre o castigo destinado às suas: depois de queimadas, as cinzas eram jogadas ao vento para que nunca pudessem descansar, para que nunca voltassem à terra. Aqui você pensa sobre invisibilidade, perseguição e apagamento. Aqui você pensa sobre possibilidades de recuperação de experiência. Aqui você pensa sobre o fim das instituições prisionais, da polícia e das fronteiras. Aqui você pensa sobre os estreitos limites da hetero-cisgeneridade, do patriarcado e das normatividades.

8 Comunidade Catrileo+Carrion, em *Utopias mapuche não binárias para um presente epupillan* (2021, p. 6)

9 Comunidade Catrileo+Carrion, em *Utopias mapuche não binárias para um presente epupillan* (2021, p. 6)

10 Comunidade Catrileo+Carrion, em *Utopias mapuche não binárias para um presente epupillan* (2021, p. 6)

11 Comunidade Catrileo+Carrion, em *Utopias mapuche não binárias para um presente epupillan* (2021, p. 6)

12 Comunidade Catrileo+Carrion, em *Utopias mapuche não binárias para um presente epupillan* (2021, p. 6)



FIGURA 2.

Comunidade Catrileo+Carrión.
Imagem do arquivo do coletivo. Disponível em: <http://bit.ly/3kDXnaA>. (Acesso em 19 de março de 2025).

Las prácticas artísticas también pueden constituir estrategias de transformación que proveen medios para organizarse, reinventando modos de accionar, de acompañar. Estas prácticas pueden desarrollarse desde distintos escenarios, pero también al margen de estos circuitos, en el escenario de la acción política directa y en conjunto con los actores sociales que toman los espacios públicos. Desde ambos contextos de producción el/la artista opera como propiciador/a o impulsor/a de acciones realizadas con y no sobre otras y otros, y aunque son elaboradas poniendo en juego estrategias del arte, devienen prácticas est/éticas políticas, liminales, en las que opera un activismo afectivo, una manera de implicarse desde y por los afectos (Diéguez Caballero, 2021, p. 171).

Você tem seus pés no vulcão, então, e abraça a palavra *epupillan*¹³, resgatada de relatos fugidios¹⁴, oralidades não capturadas por enciclopédias. *Pillan*, um espírito que é mais que humano, incomensurável. Você abraça a palavra *epupillan* e, assim, consegue se conectar com o *itrofil-mongen*¹⁵ e passa a compreender a vida descentrada da humanidade, permitindo-se transitar não apenas entre o que é conhecido como feminino ou masculino. Dois espíritos, almas livres, traduções (im)possíveis. Você passa a compreender a vida, animada e inanimada, como um mesmo fluxo de matéria que está em tudo. Nomeando-se – você mesmo *epupillan* – parece existir um espaço possível para o que chamam dissidência sexual-afetiva. Nomeando-se – você mesmo *epupillan* – você inscreve um campo de força contra o esquecimento. Invocando essa força milenar que não consta nos arquivos das instituições coloniais, você se debruça a pensar sobre a reciprocidade com forças não humanas, sobre linhagens interrompidas, sobre modos de fazer vida, vínculos e comunidades. Invocando essa força milenar você se debruça a pensar sobre a não-reprodução, em duas principais instâncias: a não-reprodução biológica, enquanto existências não-heterossexuais e cisgêneras – envolvendo fecundações, gestações e procriação; e a não-reprodução que se refere a noções de cópia, imitação e representação, em uma inseparabilidade entre arte e vida, e o modo como noções biológico-compulsórias se

13 Segundo a Comunidade Catrileo+Carrión, a palavra *epupillan* não é sinônimo de alguma identidade LGBTQIA+, embora alguns seres *epupillan* também se identifiquem como LGBTQIA+. *Epupillan* se aproxima das experiências situadas em alguns lugares, como o Arquipélago de Chiloé, em que assim são nomeados os seres que podem transitar em várias energias que vão para além do gênero. Ao longo do texto, diversos termos em mapudungun serão citados. A língua mapuche ou mapudungun é o idioma dos mapuches, povo ameríndio que habita milenarmente certas regiões do Chile e da Argentina.

14 A narrativa de encontros presenciais com outras comunidades, artistas, pesquisadoras e sabedoras da cultura mapuche se faz diversas vezes presente nas escritas e teorizações da Comunidade Catrileo+Carrión, revelando o modo como as vivências *epupillan* se dão via oralidades, criações narrativas e discursividades performativas.

15 Uma tradução possível seria “biodiversidade”.

manifestam nas criações de certo campo “representacional”. O performativo escapa. O performativo escapa dessa dupla representação, dessa dupla reprodução. E isso é também uma discussão sobre tempo, capitalismo e comunidade.

Que percurso terão feito estas ancestrais que escaparam ao terror e à maravilha de não estarem descritas em livro algum? A que linhagem pertencem àquelas que “não se reproduziram”? O que as compreensões ditas contemporâneas de identidade de gênero revelam e escondem das desobediências que não couberam no léxico moderno-colonial? Que experiências e corpos e práticas são eram seriam foram essas?

Não é, propriamente, *dor* o que você sente ao encontrar a fotografia. Talvez os anos de pesquisa tenham te tornado mais forte – uma sensação de que isso pode, sim, de alguma maneira, atenuar a ferida. Talvez, agora, os pensamentos que te ocorram ao segurar nas mãos este material estejam próximos demais de suas teorizações para que você efetivamente *chore*, como já aconteceu em outras ocasiões. *Sim*, você pensa, *já não é dor*. Olhar por muito tempo esta fotografia te perturba, mas te faz sentir uma sensação dúbia, que se parece com uma *certeza*: por toda parte há vestígios do fracasso dessa cena. A imagem, para você, entre tantas coisas, é uma cena de *olhares abismais*. *Se, em algum momento, este registro integrou o arquivo do êxito da evangelização colonial, você pensa, ele agora é também o atestado da impossibilidade de tal feito* – e é nisto que você trabalha.

Cruamente, o que há é: duas mulheres, uma vestida de freira e a outra com traje mapuche. A freira tem nas mãos uma cruz de metal e olha diretamente para a câmera, enquanto a mulher mapuche tem uma atitude oposta: cabeça baixa e mãos recolhidas em seu colo. Ela não olha para a câmera, seu olhar se dirige para outra situação, para outras coisas: a chaleira, de metal, e a lenha consumida pelo fogo. *Não é dor* – alguma fúria, algum ímpeto inominável, desejos incendiários, um terrível tremor, atear fogo, deixar que tudo arda. Você deseja levantar os olhos da mu-



FIGURA 3.

Comunidade Catrileo+Carrión.
Imagem do arquivo do
coletivo. Disponível em: [http://
bit.ly/3kDXnaA](http://bit.ly/3kDXnaA). (Acesso em
19 de março de 2025).

lher mapuche, você deseja desesperadamente tirá-la dessa situação. Você deseja saber seu nome, saber quem era, o que quis, o que fez – o *que faria*. Você fecha os olhos e, de dentro da vermelhidão, descobre que é possível realizar encontros. Você fecha os olhos e entende que, talvez, seu trabalho seja *encontrar irmãs através dos tempos*. Usando as mãos.

Você se pergunta: *Qual o significado do que estou vendo, afinal?* E neste momento – neste irrefreável momento – você decide que suas ações serão ações de *fazer vida*. “Eu quero ver os olhares delas fora, além e através do tempo” (Sharpe, 2023, p. 215).



FIGURA 4.

Comunidade Catrileo+Carrión.
Imagem do arquivo do
coletivo. Disponível em: [http://
bit.ly/3kDXnaA](http://bit.ly/3kDXnaA). (Acesso em
19 de março de 2025).

Você tem seus pés no vulcão e descobre que as estratégias de perseguição estão intimamente ligadas ao *pillan*, esta força que transborda a humanidade em proporções que estão em outras escalas – “vulcões e sodomia” se encontram no igual pavor que causam. Forças incontroláveis, fatais e perigosas. Você tem seus pés no vulcão e se pergunta qual o seu lugar político como parte de uma constelação de dissidentes ancestrais que margeiam todo o cinturão de fogo do oceano pacífico. Quais poderiam ser as possíveis alianças, cruzamentos, conexões e experiências compartilhadas? *Os territórios serão sempre ordenados pela heterossexualidade compulsória*¹⁶? Você pensa, com seus pés no vulcão e parece evidente que já não pode separar sua sexualidade, seu desejo e seu prazer da terra que habita. *Epupillan: Famew mvlepan [Aqui estou]*.

Imagino nossos corpos se movendo na página – *porque fazer corpo é parecido com fazer escrita*: acariciar o mistério sem domá-lo. Eu imagino. Eu tateio. Eu misturo. Eu me crio, te criando. *Eu não sou só*. Eu tramo os meios de nos tocarmos. Eu tranço os nossos cabelos. Eu sei que as palavras entram na corrente sanguínea, porque eu sei que as palavras fazem vida e morte e vida e morte e fazem. E você morreu muito antes de eu nascer – *eu quis que você vivesse*, mas não é assim. Não é assim o tempo daquelas que sabem que é espiralado isso, que nos fizeram acreditar ser retidão. É pela não linearidade que me irmano a você. *Porque fazer irmãs, amor e confidências não é e nem pode ser pelo tempo da brutalidade*. Estamos nós, dedicadas a criar algum lugar para nossas existências sem lugar. E parece que é na poesia que *alguma coisa acontece*.

16 Com esta pergunta, evoco o texto de Paul B. Preciado, *Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”* e suas discussões sobre “desterritorialização da heterossexualidade”, do qual, destaco um trecho: “O corpo da multidão queer aparece no centro disso que chamei, para retomar uma expressão de Deleuze, de um trabalho de ‘desterritorialização’ da heterossexualidade. Uma desterritorialização que afeta tanto o espaço urbano (é preciso, então, falar de desterritorialização do espaço majoritário, e não do gueto) quanto o espaço corporal. Esse processo de ‘desterritorialização’ do corpo obriga a resistir aos processos do tornar-se ‘normal’” (Preciado, 2011, p. 14).

Caminhar e repetir as palavras *eu não sou só* até a exaustão.

“Caminhar para tornar pública a ausência, para reivindicar. Caminhar para imaginar a possibilidade de um reencontro” (Dieguez Caballero, 2021, p. 178, tradução minha).

“Caminhar e invocar, chamar a ausência na presença de quem anseia por eles e os procura. Uma espécie de encantamento, uma caminhada de desejo” (Dieguez Caballero, 2021, p. 179, tradução minha).

“O caminhar condicionando o olhar, ou o olhar condicionando o caminhar até parecer que apenas os pés podem olhar” (Dieguez Caballero, 2021, p. 180, tradução minha).



FIGURA 5.

Comunidade Catrileo+Carrión.
Imagem do arquivo do
coletivo. Disponível em: [http://
bit.ly/3kDXnaA](http://bit.ly/3kDXnaA). (Acesso em
19 de março de 2025).

Você tem seus pés no vulcão, então é possível traçar imaginativamente uma história que, ao se fazer com o fluxo de magma, se conecta com o anel telúrico-geológico terrestre do cinturão de fogo. O tamanho de sua imaginação se perde no vasto oceano pacífico e se funde com o ardor da lava fluindo líquida por debaixo das placas. Você tem seus pés no vulcão e este chão é vermelho – trata-se de uma matéria que em seu encontro com o *pillan* se faz pó. *Terá sido de outra forma? Terá sido outra, antes de ser vermelho-pó? Você está aqui?* É impossível tornar a compô-la. E isso te promove uma tranquilidade particular: a possibilidade de tudo se derreter, barro, rocha, corpo. Você tem seus pés no vulcão e, então, está intimamente integrado ao fluxo magmático, conectado a não humanidade que te excede e te compõe – e, assim, você confronta a desumanização historicamente imposta a sua experiência, às suas ancestrais, às comunidades desviantes. Há mesmo algo importante, você percebe: uma cisão entre os processos de desumanização e os processos não humanos. Sim. A desumanização é um mecanismo colonial. A não humanidade, no entanto, se apresenta como gesto contra-hegemônico em uma busca por um passado *epupillan* erradicado: assim como um terremoto deixa um sulco em um vale ou um desabamento rochoso, o tempo *epupillan* se desenha pelo impacto de sua ausência, em seu silêncio, como névoa em suas memórias. Vermelho-pó. Como ler a história para além dos acontecimentos narrados por historiadores *winka*¹⁷? Nas lacunas arquivísticas, você tem seus pés no vulcão, e ler a vermelhidão é suspender as normas coloniais. Invocação e sobrevivência de memórias por meio da imaginação políticas com olhos *epupillan*: um olhar desviado, que suspeita da história oficial, feita em omissão.

¹⁷ *Winka* se utiliza como termo para se referir ao outro – vem de *we inka* (o novo colonizador). De um modo geral, se utiliza *winka* para os não-mapuche.



FIGURA 6.

Comunidade Catrileo+Carrión.
Imagem do arquivo do coletivo. Disponível em: <http://bit.ly/3kDXnaA>. (Acesso em 19 de março de 2025).

“A dissidência sempre decorre de uma ruptura do continuum temporal. Ruptura da narrativa dos vencedores – essa fábula que torna os subalternos horrendos aos seus próprios olhos” (Bona, 2020, p. 36). Sim – rupturas e temporalidades não-lineares e olhares em transformação. *Você é o corpo que sonha*¹⁸. Você, efetivamente, cria imagens no interior do sonho com as quais vive sua vida. Nenhuma distinção. Sonhar e viver se confundem, você sabe. Vulcões em erupção – nenhuma cinza desperdiçada no vento. Vocês estão juntas – você e ela. *Nenhuma dor*.

18 Em referência à Glória Anzaldúa, em *Luz en lo oscuro* (2021).

Você tem seus pés no vulcão e se imagina como uma constelação afetiva. Você se determina, junto das suas, como uma comunidade, porque tem dedicado a vida a *viver junto*. Você se recusa a ser uma existência só, só uma existência. Você mistura vida e arte, gosta de imaginar que elas estão entrelaçadas, como você e as suas também estão. Sua forma de se relacionar, você percebe, vêm do *poyewün*¹⁹, e faz dele uma provocação política, mobiliza diferentes linguagens para se comunicar e para criar redes de reciprocidade através da arte. Você decide, com as suas, se definir como comunidade, porque a palavra “coletivo” não se encaixa em suas práticas, que não são só artísticas – e isso é uma fricção direcionada tanto para o mundo mapuche tradicional quanto para o mundo chileno, uma vez que existências maricas, lésbicas, trans, queer e não binárias são práticas políticas e estéticas. Você se entende como tecelã e não como artista visual porque sentiu a necessidade de abandonar a categoria “arte contemporânea/artes visuais” como destino para o seu trabalho, que atravessa, sim, as fronteiras da arte – onde você encontra pessoas e comunidades maravilhosas, multiplicando seu poder vital. Faz isso porque assim desloca o destino “obra”, porque percebe o cerco neoliberal, o oportunismo multicultural do campo da arte, especificamente quando tantos outros tentam negar ou aplacar sua existência. Este é o trabalho político da tecelagem, você sente: agir entre o que permanece visível e o que permanece invisível. Porque tecer é mesmo ativar a interrelação entre coisas humanas e não humanas. “Tecer” te permite compreender o vídeo-ensaio, o trabalho editorial, a escrita especulativa, as ações performativas-cerimoniais como um fluxo constante de experimentação com a matéria – esta, da qual é feita o mundo, você, as suas.

19 Uma tradução possível seria “afeto”.



FIGURA 7.

Comunidade Catrileo+Carrión.
Imagem do arquivo do
coletivo. Disponível em: [http://
bit.ly/3kDXnaA](http://bit.ly/3kDXnaA). (Acesso em
19 de março de 2025).

Tecer o tecido em estado de sonho, em vida. Tecer o tecido em estado de vida, em sonho. Você é uma tecelã. Tecer a matéria, se tecer, se fazer: tecer o tecido, tecer a si, a si e ao tecido, tecer as suas. Você pensa: *eu pego o tempo com a mão, eu me faço como faço um tecido, uma peça, uma rede, eu estou aqui, como estão minhas irmãs. Nesse gesto nos encontramos todas – nesse gesto eu engano a morte. Nesse gesto eu digo: nenhuma cabeça está baixa, nenhuma tristeza nos olhos. Neste gesto eu digo: estamos em toda parte. Neste gesto eu digo: eu também sou o vulcão.*



FIGURA 8.

Fotografia de John K. Hillers, 1871. Integra o arquivo de Etnología Americana del Institute Smithsonian, em Washington, Estados Unidos. Disponível em: <http://bit.ly/3YgWTou>. (Acesso em 19 de março de 2025).

Você tem seus pés no vulcão, reunindo explosão, fogo, lava, tremor e fumaça em um rearranjo criador/destrutivo de tudo aquilo que experimenta o seu despertar. A interrupção das lógicas coloniais se dá no interrompimento da maquinaria cisheteropatriarcal, porque a erupção convoca uma desordem da matéria que não é apenas centrípeta: é também magnética, quando se comunica com os fluxos plasmáticos atmosféricos, em uma coreografia gravitacional que inclui estrelas, marés, luas, planetas e corpos celestes cujas trajetórias dialogam com sua força. O tempo dos vulcões é o tempo *epupillan*, altera as normas regulatórias de gênero: *o que significa a duração da vida humana quando um vulcão tem a idade da terra?*²⁰ Você tem seus pés no vulcão e a força *epupillan* em ação cria afeto em cada um dos espaços onde se faz comunidade. Você sabe que o futuro está no passado e que o passado está no futuro e assim dilacera o tempo colonial. O poder de desviar o fluxo da matéria se dá na palavra, como o vulcão entra em erupção e começa um diálogo matérico de transformação crítica com seu entorno: esta é uma cerimonia criadora e destrutiva. Escrever. Você tem seus pés no vulcão e a palavra é gesto radical de amor, de celebração da vida: experiências além do binário, correntes marinhas, placas tectônicas em movimento, dissolução entre sólido/líquido/gás. Elas estão aqui agora, as ausentes da literatura: *Ngoymalayñ: kiñe tranapule, mari witrapürayayngün* [Não esquecemos: se uma cai, dez se levantarão].

20 Comunidade Catrileo+Carrion, em *Utopias mapuche não binárias para um presente epupillan* (2021, p. 14).



FIGURA 9.

Fotografia de REUTERS_LIVE. Vulcão Villarica, no Chile, em erupção. 2023. Disponível em: <https://bit.ly/4i8utYB>. (Acesso em 19 de março de 2025).

Irmã,

Se eu te chamo para que se deite comigo nestas pedras, você vem?

Se eu te chamo para que cante comigo aos pés desta árvore, você vem?

Se eu te chamo para que me cubra de fios dourados, você vem?

Se eu te chamo para que me acaricie a pele com o vento, você vem?

Se eu te chamo para que guie minhas mãos no tear, você vem?

Se eu te chamo para que aqueça o corpo no vermelho do chão,
você vem?

Se eu te chamo para que me sopre palavras ao ouvido, você vem?

Se eu te chamo para que me acompanhe no escuro, você vem?

Se eu te chamo para que me escute inventando seu nome, você vem?

Se eu te chamo para que esqueça os rios de sangue, você vem?

Se eu te chamo para que cruze ao meu lado o deserto, você vem?

Se eu te chamo para que sonhe comigo, *porque eu sonho com você*,
você vem?

El 'yo' es tan sólo uno de muchos sujetos, figuras imaginales, que componen un psique. Otras figuras imaginales andan deambulando dentro y fuera de una persona, unas con vidas propias. 'Yo' no estoy a cargo de 'mis' imágenes. Las imágenes tienen vida propia y andan dando vueltas como se les da la gana, no como 'yo' quiero. Tampoco las creo 'yo' a estas imágenes; emergen de mi psique personal. Todas las imágenes tienen cuerpo y existen en un espacio tridimensional. El sujeto de la subjetividad de identidad espiritual centrado en el sujeto me interesa la membrana conectiva entre el interior y el exterior de la subjetividad. (Anzaldúa, 2021, p. 59).

Você tem seus pés no vulcão e convoca, com o fluxo de magma, uma desordem plasmática da matéria, uma solidariedade planetária com outros seres humanes e não humanes. Você tem seus pés no vulcão e lança esse magma contra a desmemória corrosiva de não ter história, de não ter genealogia.

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Glória. **Luz em lo oscuro**. Buenos Aires. Hekht Lbros, 2021.

BONA, Dénètem Touam. **Cosmopoéticas do refúgio**. Florianópolis, SC: Cultura e Barbárie, 2020.

Comunidade Catrileo+Carrión. **Utopias mapuche não binárias para um presente epupillan**. Belo Horizonte: Chão da Feira, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3qTRdCh> (Acesso em 15 de março de 2025).

DIÉGUEZ CABALLERO, Ileana. **Cuerpos Liminales: La performatividad de la búsqueda**. Córdoba: DocumentA/Escénicas Ediciones, 2021.

PRECIADO, Paul B. **Multidões queer: notas para uma política dos anormais**. In Revista Estudos Feministas, vol.19 no.1 Florianópolis Jan./Apr. 2011

SHARPE, Christina. **No vestígio: negridade e existência**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

Data de submissão: 31/07/2025

Data de aceite: 14/11/2025

Data de publicação: 09/01/26